



BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Tipografia «Vitória»

Proprietário: Clube Desportivo da TEBE

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» — BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactor: Joaquim Rodrigues

A neurose da poesia ou a poesia anacrónica

Por ANTÓNIO BAPTISTA

A poesia, ontem como hoje, deve ser sincera e humana e, para tal, é necessário que nos mostre que traduziu, em pura clareza, a razão estética que deve identificá-la.

A existência poética, como existência, deve corresponder ao tempo e as ansiedades colectivas sem se perder no tempo das ansiedades individuais onde o reflexo doentio do individualismo pretenda subjugar a verdadeira essencialidade poética contemporânea.

Não concordo que o poeta salte, totalmente, por cima da realidade para se estabelecer, independentemente, numa complexidade de expressões psicológicas, por vezes nitidamente imanentes a sujeições de ciclos que, de momento, estiolarão e nada de Belo e Verdadeiro nos traduzem.

É inadmissível, na verdade, que se multipliquem, por capricho ou ignorância, os conceitos universais do poeta, que simbolicamente ou positivamente devem vir de encontro a uma problemática significativa de contemporaneidade.

Na poesia, as palavras, como gotas de água pura, devem sair naturalmente, espontaneamente, estabelecendo todo o sentir do vate em relação com o ambiente colectivo que o circunda.

Deve existir entre o poeta e o leitor uma espécie de ponte de ligação que se harmonize entre os conceitos imanentes do poeta e do homem normal que possa compreendê-lo e senti-lo.

Creio que a arte abstracta viverá pouco mais tempo, pois como disse Laure Garcin « cremos que, sob o ponto de vista histórico, a acção salutar da arte abstracta no nosso tempo atinge o fim, pois dá, nitidamente, sinais de esgotamento: um repisar contínuo, uma pobreza de invenção por demais evidente e que não ultrapassa o nível dos arranjos sem consequência do caleidoscópio que diverte as crianças ».

(Continua na página 2)

EDUCAÇÃO

Por MARIA LÚCIA A. MIRANDA BAPTISTA

SEMPRE foram graves e complexos os problemas da educação e sempre esta mereceu o interesse do Estado, da Igreja ou dos criadores de novas correntes ideológicas. Todos se aperceberam que a orientação dos planos e técnicas educativas lhes pode servir os interesses de hegemonia dentro duma nação, ou dum aglomerado de povos (espiritualmente ligados), ainda que praticamente divididos.

Todos os povos civilizados se preocuparam com a educação do homem embora diferissem o ideal que por vezes a inspirava, pois diversas foram e são as concepções filosóficas, a imprimir características à evolução social e política, das sociedades.

Ao debruçarmo-nos, hoje, sobre os aspectos da educação moderna, ao ouvirmos os gritos de alarme ante certos desvairamentos da juventude dos nossos dias, não podemos nem devemos supor que todo o património espiritual está perdido ou que as gerações de hoje se vão realmente afundar num lamaçal de paixões desvairadas, alheias aos ditames duma consciência recta, indiferentes às normas duma lei moral, incrédulos e adversos aos mandamentos duma religião.

Andam as pessoas crescidas revoltadas contra o rebaixamento de costumes, contra falta de propósitos, a falta de sentimentos, a falta de ideias elevadas, a falta de bons hábitos, a falta de disciplina, em suma, a falta de educação dos novos.

Todos se exaltam, discutem e apontam remédios mais ou menos duros no desejo de ver reprimidos abusos que em breve seriam as normas da conduta irreverente duma classe com responsabilidades. Responsabilidades, pela cultura, pelo escalão social que ocupa, pelo papel que terá a desempenhar dentro de quadros superiores da sociedade. Eles são, sem

(Continua na página 2)

OS PENSAMENTOS DO MÊS

☉ idealismo é a virtude da inexperiência.

E. WERTHEIMER

Certos sujeitos, quando cuidam que o ideal os eleva burrficam-se.

CAMILO C. BRANCO

A Igreja não pode calar, nem dissimular, nem aprovar o que é contrário aos bons costumes.

SANTO AGOSTINHO

A Escola Técnica de Barcelos

BREVÍSSIMAS CONSIDERAÇÕES

A acção desenvolvida pela escola técnica no seio das populações do nosso concelho merece, sem favor, os maiores e melhores elogios.

Cada dia se nota mais o entusiasmo pela renovadora acção que esta escola está a fomentar, nomeadamente, nas camadas oriundas das zonas rurais.

O que nos foi dado observar numa última exposição de trabalhos é o reflexo insofismável do quanto se tem trabalhado e do muito que ainda há a explorar.

Consta-nos que o problema dos ceramistas se vai considerar e equacionar de tal modo que, em Barcelos, se possam criar autênticos artifices e alguns artistas.

Bom será que o clima pedagógico se engrandeça com a ampliação de maiores e melhores instalações. Estamos convictos que os poderes públicos se aperceberão destas dificuldades mandando erguer um edifício capaz de albergar a crescente população estudantil que hoje é já uma realidade e que amanhã não poderá caber em tão acanhados cubículo.

JORGE CORRÊA

e a sua exposição de aquarelas no Salão Nobre da Câmara Municipal da Beira

(Julho de 1959)

JORGE CORRÊA, um novo que nos habituámos a admirar pela sua clareza de trato, pelo seu sentido artístico, pelas suas concepções plásticas, atingiu uma plenitude e uma compreensão que o tempo e os homens, longe da terra que lhe serviu de berço, souberam tributar.

Jorge Corrêa está de parabéns, Barcelos está de parabéns. Porque este jovem, pleno das suas ansiedades, vai-se realizando através duma obra que, longe de se confundir,

A neurose da poesia ou a poesia anacrónica

(Continuação da página 1)

O homem do nosso tempo, con-substanciado com um cinema que se valoriza, com um teatro que melhora, exige, como é óbvio, que o poeta seja um homem deste tempo, corporizando-se e substancializando-se com o quotidiano.

É triste que alguns poetas, com recursos intelectuais visíveis, chafurdem em repetições desarticuladas, nada trazendo de proveitoso a não ser, por vezes, uma propaganda que não criará raízes porque é utópica e estabelece uma função em crise, semelhante a adormecimento psicológico.

A mendicidade, flagelo de ontem e de hoje, deve desaparecer...

A indústria turística do nosso país, valorizada e engrandecida, nas últimas décadas, encontra pela frente a chaga ou o flagelo dum leva de pedintes que nos confrange e entristece. Na nossa feira semanal, principalmente nos meses de Junho a Setembro, o número de falsos pobres e até de pobres mesmo infesta a feira de Barcelos cansando o turista que nos visita.

Bom será que os poderes públicos estudem, maduramente, tão triste cenário que, constantemente, se repete.

Esses pobres, ou falsos pobres, pedem dum maneira por vezes impertinente e malcriada.

Ouvimos, um dia, um turista inglês dizer; Barcelos ser linda... mas os pobres fazem-na feia.

Como bairristas e como amigos de Barcelos gostaríamos que este assunto fosse encarado maduramente e com olhos de ver.

estabelece já a sua personalidade e a sua alma.

Longe de Barcelos, Jorge Corrêa, vive em Barcelos. Nas exposições que fez mostrou Barcelos e, de tal maneira, que a sua terra figura desde a Avenida Dr. Oliveira Salazar, Matriz, Chafariz quinben-tista, Azenhas de Vessadas, Ponte de Barcelos, Quiosque do Galo, Rio Cavado, etc. Tudo isto significará para nós o muito que estima Barcelos. Bem haja Jorge Corrêa por tanto querer à sua querida terra. A saudade, nos artistas, é mais forte, mais persistente e, então, o pintor, o escultor ou o poeta, plasmam nela toda a sua gama emotiva e é nos meandros do seu universo interior que realizam a obra, com os seus conflitos, com as suas ansiedades e, naturalmente, com todas as realidades do quotidiano.

Jorge Corrêa, temos a certeza, há-de continuar a marcar a sua presença de artista, que, dia a dia, mais se identificará.

A. B.

EDUCAÇÃO

(Continuação da página 1)

dúvida, os mais bem dotados, os herdeiros dum mais rico património espiritual e os que, mais facilmente, estarão aptos a encarar e a resolver os problemas novos que o progresso faz surgir de dia para dia, além de serem os que possuem uma sensibilidade mais delicada, uma formação estética mais apurada, um espírito crítico mais perfeito, pois que a educação lhes começou no berço e, atitudes e hábitos de sentir e de pensar, se lhe formaram, inconscientemente, pode dizer-se.

Como surgiram pois, entre nós, rapazes e raparigas com a presunção de marcarem um lugar ou uma presença, pelo desprezo simples e total por todas aquelas normas duma conduta recta e equilibrada, ou pela oposição impertinente aos hábitos de delicadeza, de respeito, de disciplina?... Parece que esses «meninos e meninas», que tanto alarmaram a opinião pública, não foram mais que os tristes imitadores daquela juventude extraviada e abandonada de países vítimas da guerra. Não são porém esses delinquentes, que fazem o mal por vaidade, os mais perigosos, pois creio bem que outras gerações se preparam mais temíveis, mais indomáveis, mais perversas. Não são de temer tanto os que fazem pequenas atrocidades por desporto, embora mereçam um são correctivo, como os que praticam todas essas trope-lias, com a naturalidade de hábitos arreigados.

Não são ainda as crianças de hoje as culpadas de serem, amanhã, jovens sem ideal, olhando com desprezo os homens de virtude, olhando com indiferença as almas elevadas que amaram o Bem e a Beleza os corações abnegados dos mártires e dos heróis.

Quando se aperceberem que têm a alma vazia, vazia de coragem, vazia de amor, vazia e amarfanhada pelos embates violentos da realidade, sem uma vontade forte, irão olhar para trás e numa revolta apontarão os culpados: os pais, os mestres, a sociedade e as próprias autoridades dos estados que poderiam e deveriam intervir.

Eles nasceram e ficaram esquecidos, cresceram no abandono, fizeram-se homens quando deviam ainda ser crianças e o contacto violento com as brutalidades e baixezas de gente desregrada, despertou-lhes instintos e depravou-os porque não tinham atingido aquela maturação física e psíquica necessária para saberem discernir e dominar-se. Apenas se afastarão do mal quando, depois de o terem vivido e sofrido as amargas consequências que, como um ferrete, os deixarão marcados pela vida fora, se sentirem desiludidos, insatisfeitos e vazios... E porque os corações continuarão vazios é no arrebatamento das paixões, que procurarão, inútilmente, preencher a solidão dos seus espíritos aturdidos e continuamente ôcos e lassos.

As causas deste estado lastimável da nossa juventude de hoje e de amanhã mergulham raízes profundas na desorganização do elemento basilar das sociedades e das Nações: a família. É sobretudo entre a massa operária que o problema atinge maior complexidade e são estas crianças, muitas vezes, o fermento das tão más inclinações da massa jovem dos nossos dias. Os pais são culpados, é certo, mas eles são naturalmente vítimas das necessidades económicas do agregado familiar. Os filhos precisam de comer e de se defender do frio e este é mais urgente e imperioso direito do ser humano, que os pais se apressam a satisfazer, sem pensar nem cuidar dos outros, esquecendo aquelas palavras de Jesus: nem só de pão vive o homem! Pois bem, as crianças de hoje, quase só têm o pão que lhes é preciso para conservar energias e ajudar o natural desenvolvimento físico e orgânico.

Tudo lhes falta desde o carinho, o conforto, o amparo, o exemplo constante, a palavra de incitamento ou repreensão, a formação de hábitos de asseio, de respeito, de compreensão, a convicção dos seus deveres, o anseio dum ideal... Desde pequeninos, que os vossos filhos, se habituam a defender-se do mundo que os cerca pelos seus próprios meios pois que são insuficientes os que os pais lhes podem proporcionar.

Têm frio, têm fome, querem brinquedos, desejam vingar-se, ou dominar companheiros, dirigir grupos ou provocar inimizades? Nada os detém para satisfazer estes desejos.

Não conhecem normas nem leis, não temem castigos nem sabem o que é medo. São decididos e destemidos, e todos os meios lhes servem, pois escrupulos não os sentem e nunca ninguém lhes falou em consciência. Por isso mal se apercebem dos seus rebates, que dominam, com à vontade.

Vivem em luta aberta com a sociedade que lhes não reconhece direitos e crescem com o anseio de desprezar essa sociedade que os viu com indiferença fazerem-se adolescentes e jovens. Chega então o momento de lançarem a essa sociedade no rosto o seu desprezo e por isso são insolentes, grosseiros, depravados nas palavras, nas atitudes, nos pensamentos... São revoltados, porque só lhe reconheceram direitos quando eles, insolente e violentamente, os souberam impor.

Começaram a vida ao contrário, sem ilusões, com a alma esmagada pela descrença, pelo pessimismo, pela desconfiança, pelas ambi-

Conceitos sobre o desporto

BARCELOS, como todas as terras portuguesas, vive, de quando em vez, as suas emoções criadas pelo desporto. E bom é que assim seja, pois o desporto, encarado pelo ângulo puro da cultura física, é e será o retemperador de energias e o agregador das massas, atingindo-se, assim, uma melhor e maior compreensão entre os homens.

Porém, não há formosa sem não e o desporto-rei — como agora se ouve dizer — cria por vezes climas destemperados nos prêmios que se realizam.

O nosso povo, o tal bom povo português, emotivo e sonhador, aguerrido e dócil, franco e reatado, mescla de raças e de tipos, desde Caminha a Vila Real de Santo António, ainda não quis, realmente aperceber-se que o futebol além de toda a sua grandeza de movimentações é uma escola onde se deveriam activar as virtudes racionais numa combinação de raciocínios, destresa, e presença viva dum equilíbrio de reflexos.

Os jogadores, pedras vivas e activas dum tabuleiro que se altera de instante a instante, suportam o peso da responsabilidade do jogo e mais ainda a força dos escapes humanos que, embriagados ou pela vitória ou pela derrota, vociferam e insultam sem dó nem piedade.

Quando será possível que uma Senhora, (nossa esposa, nossa irmã, ou nossa filha), possa assistir a uma partida de puro e desportivo futebol?

USE SÓ MALHAS
TEBE

ções desenfreadas, pelos risos escarninhos, pelas atitudes de desprezo ante os tradicionais conceitos da Moral e da Virtude.

À sua educação não presidiu o ideal de formar o cidadão pres-tável à sociedade e à pátria. Sabem, estas crianças, apenas, que hão-de crescer para ganhar dinheiro mas, nenhum, leva a preparação precisa para o saber gastar. Daí o desequilíbrio do orçamento familiar, daí a miséria dos filhos a par dos vícios dos pais, daí as crianças sôzinhas, des-samparadas, sujas, anémicas, franzinas, doentes e extraordinariamente tristes que se sentam nos bancos das escolas, sem energias para trabalhar, sem envergadura mental para raciocinar, sem vontade e sem estímulo de atingirem um ideal — ideal de perfeição física, ideal de juízo recto, ideal de saber profundo e seguro, ideal de praticar o Bem, pelo afastamento voluntário do Mal.

Disse um grande teólogo santo que «uma criança deve ser educada 20 anos antes de nascer».

Sociedade Columbófila Barcelense

Campanha de 1958/59

Distribuição de prémios

UM amável convite, dimanado da Direcção desta prestan-te colectividade que honra Barcelos, pelo entusiasmo e dedicação postos ao serviço da columbófila, — o mesmo que é dizer — ao serviço do POMBO CORREIO, levou-nos até ao convívio dos seus associados, para distribuição dos prémios da campanha, há pouco terminada.

Fomos surpreendidos pelo esforço de alguns dos seus dirigentes pois a campanha que ainda há pouco estava em franco desenvolvimento, teve o seu epílogo há dias e já se distribuíram os prémios respectivos.

Isto diz bem do carinho e do interesse que algumas colectividades põem, pelo braço de alguns bons dirigentes — ainda os há, felizmente, — no perfeito e completo desempenho da missão para que a massa associativa os elegeu em devido tempo. Realmente ficamos impressionados com esta particularidade a que não estávamos habituados.

Sobe a presidência do Sr. Augusto Fernandes de Sousa, fundador há cerca de 24 anos da Sociedade Columbófila Barcelense, deu-se início à sessão solene, na sala do primeiro andar da moderna Pensão Arantes. Foram convidados os representantes dos jornais presentes, «Boletim Social da TEBE» e «Jornal de Barcelos», respectivamente Jaime Ferreira e Adelino Linhares. Fizeram ainda parte da mesa da presidência, António Figueiredo da Silva e António Araújo Ferreira.

Abriu a sessão o columbófilo Manfredo da Silva, que principiou por se referir aos Amigos e Benfeitores da colectividade em festa, pedindo um minuto de silêncio como homenagem póstuma ao Sr. Dr. Augusto Monteiro, que foi um dedicado Amigo da Sociedade Columbófila. Todos os presentes se levantaram respeitosamente em homenagem sentida.

Referiu-se ainda aos seguintes benfeitores: João Duarte Veloso, Manuel Augusto Vieira, Manuel Pereira da Quinta Júnior, Casa Sialal, Produtos Vouga, Grémio do Comércio de Barcelos, Sindicato Nacional do Pessoal da Indústria Têxtil e das Serrações, a quem apresentou agradecimentos pelas ajudas que durante a campanha sempre foram concedidas e sem as quais não era possível levar a cabo a referida distribuição de prémios, em virtude da falta de recursos necessários para o bom desempenho dessa grata tarefa.

Os jornais também foram lembrados pelo orador, pela propaganda que sempre estavam dispostos a prestar, oferecendo as

páginas dos seus jornais, para maior expansão desta interessante modalidade desportiva.

Dirigiu-se por fim a todos os associados presentes a quem louvou pelo entusiasmo manifestado durante a campanha, elogiando o espírito desportivo posto ao serviço da Columbófila.

O representante do «Boletim Social da TEBE» falou depois para agradecer o convite recebido e fez votos pelos progressos da Colectividade em Festa e desejou os maiores êxitos a todos os associados, bem como aos pombos — principais elementos de interesse neste desporto aliciante.

Procedeu-se finalmente à distribuição de prémios:

1.º — Manuel Pereira de Miranda, Taça Campeão — Oferta do Ex.º Sr. João Duarte.

(Albáçete) — Taça Sindicatos Nacionais — Oferta dos Sindicatos dos Operários da Têxtil e Serrações.

2.º — Manuel Correia da Silva, Taça Vice-Campeão — Oferta da Sociedade C. Barcelense.

(Valência 1) — Taça Vouga-Protector — Oferta da Firma Soares & Irmãos e 2 Diplomas do Nacional de 1958 — Oferta da F. P. C.

3.º — Armindo Torres Matos. (Beja) — Taça Manuel Pereira da Quinta Júnior — Oferta do Ex.º Sr. Manuel Manuel P. da Quinta Júnior e diploma Nacional de 1958 — Oferta da F. P. C.

4.º — José Bezeza Moreira. (Lisboa) — Taça Manuel Augusto Vieira — Oferta do Ex.º Sr. Manuel Augusto Vieira.

(Valência 2.º) — Taça Grémio do Comércio — Oferta do mesmo Grémio, 3 diplomas do Nacional de 1957, 3 Medalhas de Prata do Nacional de 1958 e 4 diplomas do Nacional de 1958 — Ofertas da F. P. C.

5.º — José Alves Leite — 2 diplomas do Nacional de 1957 e 1 de 1958.

6.º — José Augusto Monteiro Simões — (Equipa 3P/Coimbra — Taça abertura.

7.º — António Fernandes Pereira. (Faro) — Taça SIALAL — Oferta da Casa SIALAL.

8.º — Hernâni Santos — 1 diploma do Nacional de 1958.

9.º — António A. Ferreira — 1 diploma do Nacional de 1958.

10.º — Cândido Arantes — 2 Diplomas do Nacional de 1957 e 1 de 1958.

11.º — Eduardo da S. Trilo — 1 diploma de 1957.

Além destes prémios foram também distribuídos prémios monetários a todos os columbófilos.



Com os Mortos

Os que amei, onde estão? — idos, dispersos,
Arrastados no giro dos tufões,
Levados, como em sonhos, entre visões,
Na fuga, no ruir dos universos...

E eu mesmo, com os pés também imersos
Na corrente e à mercê dos turbilhões,
Só vejo espuma lívida, em cachões,
E entre ela, aqui e ali, vultos submersos...

Mas, se paro um momento, se consigo
Fechar os olhos, sinto-os a meu lado
De novo, esses que amei: vivem comigo,

Vejo-os, ouço-os e ouvem-me também,
Juntos no antigo amor, no amor sagrado,
Na comunhão ideal do eterno Bem.

Antero do Quental

Discurso proferido em Coimbra, pelo Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social, Dr. H. Veiga de Macedo, em 23 de Setembro de 1959, por ocasião das comemorações do XXVI aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional e do II da Instituição das primeiras corporações

(Continuação do número 73)

AS comissões corporativas emergentes de convenções colectivas ou de despachos sobre as condições de trabalho serão reorganizadas, através de diploma em preparação, pois urge que se outorguem a órgãos tão imprescindíveis à resolução dos conflitos do trabalho maiores possibilidades de acção.

Será aperfeiçoada a legislação sobre horário do trabalho, segurança e higiene nas empresas, o trabalho feminino e de menores. Publicar-se-á um diploma que virá regular o exercício da actividade dos profissionais de espectáculos e dos agentes artísticos, em ordem à salvaguarda dos interesses da classe.

A situação dos trabalhadores agrícolas não será esquecida. Estender-se-á a rede das Casas do Povo e suas Federações, pois o Governo mantém-se fiel à ideia de fomentar a defesa social dos rurais, lançando mão dos princípios e das instituições de raiz corporativa. Tentar-se-á, por outro lado, aumentar os meios de acção daqueles organismos para se prestar mais ampla e eficiente assistência clínica nas regiões agrícolas e auxiliar, progressivamente, os trabalhadores do campo na sua invalidez.

Os esquemas da Previdência e do Abono de Família serão aperfeiçoados e alargados, no que toca a assistência farmacêutica, fixação, para algumas Caixas, de pensões mínimas, acção materno-infantil, concen-

são de subsídios de aleitação e ainda no que concerne à extensão dos benefícios do seguro-doença aos reformados por velhice ou invalidez, o que representará o preenchimento de chocante lacuna. Além do mais, vai estudar-se o problema da recuperação ou reabilitação dos inválidos abrangidos pelas Caixas e procurar-se-á instituir uma federação ou serviço de obras sociais da Previdência, destinado a coordenar, na matéria, a acção das instituições do seguro e a criar, em âmbito nacional e em estreito entendimento com a F. N. A. T., casas de repouso para os trabalhadores e suas famílias. Caminha-se, assim, ao encontro de antigas aspirações dos Sindicatos Nacionais e lançam-se as bases de um empreendimento de envergadura que propiciará amparo a muitos reformados das Caixas, designadamente àqueles cujas pensões sejam mais modestas.

Quanto à crise de alojamento, definidos os princípios da política habitacional e eliminados os entraves relativos à aquisição de terrenos, as Caixas poderão agora prosseguir resolutamente no combate à carência de casas que se regista em Lisboa e noutras localidades, sem prejuízo da aplicação da Reforma da Previdência e da colaboração financeira, tão valiosa para o crescimento económico do País, a dar, nos termos já fixados pelo Governo, à execução do II Plano de Fomento.

Mas para que toda esta empresa possa ser bem sucedida, torna-se mister que o Ministério seja reorganizado, por forma a

Aspectos Sociais da Prevenção dos Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais

(Continuação do número 73)

teza dos resultados não estimula a ousadia dum tal cometimento.

Mas não são estes casos, até pela insignificância dos números que se apurassem, aqueles que pesam na Federação mesmo porque, quanto a eles, uma vez por outra — embora com as maiores dificuldades — iremos obtendo das entidades seguradoras ou patronais a reparação devida.

Os que verdadeiramente oneram o Seguro Social são os que, sendo autênticos acidentes e doenças profissionais, ou sequelas de uns e de outros, com a aparência de doenças naturais, e às vezes nem sequer constando das rubricas suspeitas, por comodidade, complacência, simulação ou até fraude, ficam sem dever, à conta da Previdência.

Ora, fechado o parentesis e voltando aos acidentes de trabalho e doenças profissionais verificados no Continente e Ilhas no ano de 1957 — 254.644 segundo os mapas a que se refere o § único do art.º 5.º do decreto-lei n.º 27.649 — verificamos que, para lhes fazer face, dispomos de um seguro, de tipo puramente privado, com um muito limitado campo de obrigatoriedade e que, paradoxalmente, no século do Social, só o é na medida em que são seus beneficiários os trabalhadores!

adaptar-se às crescentes exigências dos serviços, proporcionando-se-lhe os elementos necessários ao desempenho das tarefas que lhe pertencem.

Do que fica dito conclui-se que nos aguardam, a todos nós, maiores canseiras e sacrifícios. Traçadas as linhas fundamentais dos programas, muitos deles em pleno desenvolvimento, estimulados pelo apoio e simpatia de tantos bons portugueses, reforçada a unidade em torno dos ideais por que nos batemos — e temos de nos bater cada vez mais —, tudo radica a certeza de que chagaremos a bom termo.

Sejam esta confiança e este espírito de luta os nossos sentimentos mais firmes no dia festivo do XXVI aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional e do II das instituições das primeiras Corporações.

Se sabemos o que queremos e se queremos apenas o bem estar de todos e a grandeza da Pátria, porque havíamos de desistir ou de perder a fé?

*

Quando, há dois anos, no Palácio dos Desportos do Porto,

4 — O sistema Português parece carecer de estudo e revisão

A dispersão e a variedade das providências legislativas relacionadas com a vasta matéria dos acidentes de trabalho e doenças profissionais, o elevado número de serviços públicos e privados que podem intervir no assunto e muito principalmente a circunstância do risco de acidente de trabalho e de doença profissional, ter sido em regra confiado ao seguro industrial, o que lhe imprimiu dispersão — não obstante estar prevista a fórmula corporativa (art.º 13 e segs. da referida lei n.º 1.942 e arti.º 5.º da alínea d) do Estatuto da Federação de Caixas de Previdência — Serviços Médico-Sociais, aprovado por portaria de 8-X-1949) são razões que justificam amplamente o exame atento do assunto, com vista a um possível estudo de revisão.

Tentá-lo-emos apoiado em três ordens de fundamentos:

a) em razão da matéria:

No exercício duma profissão ou por virtude da prática dum ofício, o trabalho representa um encandeamento de esforços intelectuais, psico-senso-

em ambiente de entusiasmo como este, decorria o acto principal com que se assinalava mais um ano do Estatuto do Trabalho Nacional, os dirigentes corporativos do distrito de Coimbra propuseram que esta cidade fosse o centro das comemorações de um dos mais próximos aniversários daquele diploma.

Cumpre-se hoje, com aplauso de todos nós, o voto então formulado.

É que, se Braga é a cidade forte da arrancada, de Coimbra saíu o pensamento que deu sentido e conteúdo à Revolução. Tal a grande razão de ser da nossa presença neste lugar.

Por isso, devemos curvar-nos perante a grandeza da velha e doutíssima Universidade, alto expoente da cultura portuguesa, símbolo perene de juventude e força espiritual, saudando nela, com o maior respeito, o Homem que, por forma inigualável, aqui foi estudante e mestre e que, em missão de inteligência e de sacrifício há mais de trinta anos, vem reintegrando Portugal na linha mais pura dos seus destinos!

Use só Malhas TEBE

riais e físicos, necessários à realização duma tarefa. E nas condições em que é exercido, pode em certas circunstâncias, pela acção de agentes nocivos, pela fadiga física e nervosa, pela agressão diária de máquinas e ferramentas, pela deprimente monotonia se for feito em série, e até pelas deficientes condições dos locais onde for praticado, pode, dizíamos, constituir perigo e causar dano à saúde do trabalhador.

Se este prejuízo provém duma acção violenta, súbita e imprevista, verifica-se aquilo a que é vulgar chamar Acidente de Trabalho; se resulta de uma acção lenta, repetida e duradora surge aquilo a que usualmente se chama Doença Profissional.

Portanto e em resumo: é no mundo do trabalho que aparecem, por causa ou em consequência dele!

b) por motivos históricos:

O Estado Liberal nada teve que dizer sobre o carácter social do trabalho e a natureza dos riscos a que o trabalhador está sujeito, partindo do princípio de que o bem da sociedade se consegue melhor e no mais elevado grau, automaticamente, com o jogo da desenfreada concorrência dos interesses particulares. Esta posição era, aliás, a que resultava da própria lógica das suas concepções fundamentais. Contudo, não obstante a idolatria do indivíduo, apesar da criação do que se chamou o "trabalhador livre" não conseguiu o Estado Liberal realizar, no mundo do trabalho o bem comum e sacrificou a sociedade ao indivíduo, o corpo à célula, o todo à parte...

O problema agravou-se com o declínio do artesanato, o aparecimento da maquinofactura, a industrialização e o capitalismo e só quando se começou a ter a noção de que a miséria e os sofrimentos do trabalhador acabariam por afectar também a colectividade é que surgiram, por razões de solidariedade e de humanidade, como que a medo, as primeiras providências legislativas com vista a prevenir e a remediar, nas actividades de maior risco, os acidentes e as doenças ocorridos em consequência do trabalho.

Mas só com Bismark (1883) se afirma uma nova concepção das funções sociais do Estado. Se, dizia-se, ... no interesse da colectividade, o indivíduo não pode ser imprevidente impõe-se-lhe a previdência colectiva, e logo no ano seguinte, também

na Alemanha, se proclama e aplica o princípio do risco profissional, donde emerge o direito à reparação dos acidentes de trabalho, o qual, no começo do século XX veio a ser progressivamente inscrito na legislação social de quase todos os países civilizados e quase simultaneamente tornado também extensivo às doenças profissionais.

Generaliza-se assim a orientação de considerar a previdência dos acidentes de trabalho e das doenças profissionais como modalidade de seguro social obrigatório.

c) pela lição da experiência estrangeira:

A lei alemã de 1884, iniciadora de todas as leis europeias, indica-nos que os acidentes são um encargo da profissão inteira, que aufere o lucro da actividade dos operários. Daqui a consequência de enquadrar a legislação dos acidentes nos Seguros Sociais com a adopção de um sistema obrigatório e uma finalidade social de serviço público.

A Grã-Bretanha adoptou, após o plano Beveridge, o seguro social, com carácter de serviço público, com financiamento a cargo dos empresários, trabalhadores e Estado, para um Fundo dirigido por um presidente de nomeação governamental.

Em França, a partir da legislação de 1946, o seguro é exclusivamente garantido pela Caixa Nacional de Segurança Social, que é uma corporação pública.

Em Itália, que já contava com o seguro obrigatório na Caixa Mútua Nacional de Acidentes, constituiu-se pela lei de 1935 o I. N. A. I. L. órgão gestor de direito público do seguro social italiano.

Na Austria, também com o seguro social, a gestão é do Instituto Geral dos Seguros de Acidentes de Trabalho, órgão de administração autónoma.

Na Noruega desde 1953 o seguro é realizado pelo Instituto Nacional do Seguro de Oslo. Seguro Social, portanto.

Na Suécia, o seguro é de gestão estatal, a cargo da Caixa do Seguro de Acidentes de Trabalho, embora com possibilidade de ser também contratado em mútuas de empresários. A assistência médica é prestada em coordenação com o seguro-doença. Seguro Social Corporativo com unidade de gestão, portanto.

(Continua no próximo número)

Uma questão momentosa

CORREM os ventos de feição, nos quatro cantos do mundo, à realização de espectáculos de cunho tradicionalista e o número de festivais folclóricos levados a efeito, no nosso país, nestes últimos anos, bem traduz o interesse despertado entre o público, desde a camada de elite à massa anónima do povo em geral.

De início houve, naturalmente, um extraordinário movimento de curiosidade à volta desses curiosos certames que nele encontraram o melhor aplauso e o incitamento indispensável ao prosseguimento da lição histórica que caracteriza um tal género de empreendimentos.

Somos dos que olharam o caso com verdadeira simpatia e nunca duvidamos do alto significado da ideia em marcha e dos fins em vista.

Na verdade o preciosíssimo património nacional, no campo etno-folclórico, dava ao país condições excepcionais para levar aos arraiais turísticos de todo o mundo algumas peças de maravilha que gritassem, como convinha, e bem alto, do temperamento lusitano a inestimável faceta artística.

Danças, cantares, trajos e música do nosso povo, mantidos na sua pureza de antanho, bem falaria da delicadeza de alma e do apego da gente portuguesa às suas tradições, traduzindo as nossas possibilidades de presença digna na vasta assembleia a que as circunstâncias nos chamavam.

Mas o espectáculo de carácter folclórico é uma manifestação de arte — arte popular, embora — e, portanto, carecido da presença de um público que lhe compreenda o alcance e dele tire os necessários ensinamentos. Para um triunfo absoluto deste género de espectáculos são indispensáveis conhecimentos técnicos por parte da assistência e a correspondente formação educacional.

Saber ver um espectáculo de tal categoria é *conditio sine qua non* para o libertar no futuro dos insucessos que se adivinham, só porque se não cuidou ainda de instruir, de familiarizar o espectador com o lado superior da prova a que se submete.

É certo que o Estado não deixou de olhar com simpatia aberta tão apreciáveis empreendimentos, nem lhes tem recusado auxílio, todavia é inegável que ainda não tomou as medidas necessárias à protecção da sua missão histórica.

Vejamos: não será erro gri-

tante o facto da TV portuguesa, por necessidade de programação ou por alheamento das consequências que a sua atitude possa originar, venha a cometer o pecado — para lhe não darmos um nome mais feio — de apresentar, com deplorável frequência, agrupamentos ditos folclóricos sem a mais leve parcela de tipismo que os recomende?

Aquele Organismo, sem dúvida uma das nossas fontes educativas e de informação de primeiro plano, em sã verdade tem emprestado categoria a verdadeiras invenções de regionalismo, a criminosas adulterações e a umas tantas coisas impossíveis de apelar-se seja do que for.

O público, a massa anónima a que acima nos referimos, em grande parte ignorante do significado histórico de tais empresas, caiu já na indiferença, no tédio, quiçá na aversão a tudo quanto, com o rótulo de folclórico, se lhe promete em qualquer desses espectáculos em que se exalta a sua própria arte, suficiente razão de orgulho nos seus antepassados.

Caminha-se, parece, para a queda vertical do nosso melhor cartaz de turismo, e em vez de avivarmos o amor às nossas mais caras tradições estamos a saturar uma assistência cuja fidelidade, até há pouco, não havia que por-se em dúvida.

É livre a criação de novos grupos e a realização de festivais de folclore, e com essa liberdade estamos inteiramente de acordo, contudo é necessário criar-se-lhe o correspondente policiamento e subordinar o livre arbítrio a um mínimo de condições essenciais à sua justa fruição.

Urge impedir o abastardamento dos trajos, o desvio das origens dos bailados e cantares de cada região e proibir toda e qualquer manifestação, supostamente folclórica, capaz de pôr em perigo o lado sério de autoridade que nos orgulhamos de ser em matéria de tal quilate.

Isto não é ralhar, porque nos faltaria voz para tanto; não é ensinar, porque nos faltariam conhecimentos bastantes; também não é fazer crítica, por carência absoluta de autoridade.

O que fica dito não vai além dum leve reparo, respeitoso e sereno que nasceu duma simples conversa havida, há dias, ao recanto acolhedor da nossa lareira minhota.

José Figueiras

PIQUENIQUE

Um capítulo do novo livro de Fernando Namora, «CIDADE SOLITÁRIA», no prelo

Com a devida vénia transcrevemos da Revista VÉRTICE o seguinte:

GOSTO do Piquenique e vou lá algumas vezes. Não sei se conhecem o Piquenique: é um restaurante com muita piada que fica no Rossio. Entra-se e depois do bar há umas escadas, uma espécie de esconderijos e criados alvoroçados que se esquecem de nós, dando-nos tempo para mastigar aquele pedacinho de intimidade que nos é oferecido pela atmosfera aconchegada. Gosto, acabou-se, mesmo quando a balbúrdia é tanta que nem já os criados podem enfiar-se por entre os clientes que se atulham ao balcão: é que, mesmo nessas horas ou nesses dias, tudo aquilo tem um certo ar recolhido e segredo. As mesinhas esgueiram-se para os tais recantos e ali pode-se deitar a cabeça para trás e imaginar que as pessoas nos pertencem. E que lhes pertencemos também.

Adiante verão como comecei a gostar do Piquenique. Já antes, porém, gostava do Rossio. Tanto durante o dia como de noite. Por mais que o movimento da praça atordoe, eléctricos, automóveis, anúncios, pregões, mírones que são pedras onde tropeçamos, e a gente corra em todos os sentidos, de regresso ou a caminho de uma catástrofe, quem se chegue para o centro e se deixe borrfifar pelos espirros dos Neptunos, tem ali um oásis tranquilo, onde a luz é suave e dormente, e onde se pode gozar este anónimo e incomparável afago que é receber a paz das mãos da multidão.

Não reparem no modo como falo destas coisas. Vêm-me à toa, ora daqui, ora dali, e só mais tarde, digerindo-se, as junto como deve ser. Dizem que tenho uma aduela a menos. Uma ou várias... Chamo-me Cristina e não sei pentear-me, nem falar com as pessoas, nem ser amável, nem cativá-las. Por isso, fogem de mim. Por isso ou, sobretudo, porque penso e digo o que, para os outros, é tolice. O meu pai — que também não gosta de mim ou tem vergonha de eu ser como sou — diz-me, por exemplo: *Preciso que me escrevas hoje uma carta em alemão. Quero-te no escritório às dez horas. — A's dez não pode ser, pai. Só estarei livre às dez e meia. — Dez horas, Cristina.* Ele é sovina nas palavras, mas essas poucas são peremptórias. A gente sabe que não pode deixar de obedecer. E eu faço o possível por estar lá às dez horas. Dessa vez, quase o consegui. Eram dez e uns minutos. Um atraso pequenino, que nem se dá por ele. Verifiquei tudo isso, logo à entrada, olhando o relógio niquelado que está por cima da secretária do senhor Sousa, o guarda-livros (a quem os outros empregados, por irreverência ou carinho, chamam o «tio Sousa»). Meu pai, porém, tinha dito dez horas. E já não quis a carta.

Vou ao escritório do pai por coisas como esta. Escrever cartas. Ou, quem sabe, para me certificar se o sorriso fugaz, medroso, do tio Sousa, é de quem me estima ou apenas tem compaixão de mim. E quando entram os clientes, cumprimento-os com afabilidade. Todos os desconhecidos são para mim um renovo de esperança nas pessoas. Eles, porém, não me respondem ao cumprimento e muito menos à afabilidade. Rosnam, apenas. São clientes. Não precisam de saudar ninguém. Têm carros lá fora, vermelhos e esguios, ou cor de marfim, motores com reluzentes cromados, esperando-os. Talvez ainda os espere o motorista. Ou as pessoas. Ou tudo isso. Um *isso* que dispensa cumprimentos e a gentileza espontânea de uma desconhecida. Vão ao estrangeiro nas férias, com o motorista e as tais esposas. Paris. Ah, Paris! que viste em Paris? O Folies-Bergères. As Galerias Rivoli. Que sedas. Que perfumes. Perfumes, então! Os que chegam cá, de contrabando ou pelas vias legais, são grosseiramente falsificados. Vão a Paris, os clientes de meu pai. Compram montes de coisas. E quando entram no escritório, sou uma Cristina tão insignificante que não me vêem, não me ouvem, não dão pelo meu desejo de comunicar confiadamente com as pessoas.

Eu também queria ir a Paris. Ir, simplesmente. Andar de metro, andar pelas ruas e jardins e meter-me com quem olhasse para mim. Metre?! Credo! isso é para as midinettes! Mas eu não me ralo: queria ir de metro. Se eu tivesse o dinheiro deles! Não para comprar perfumes, vestidos, arranjar o cabelo; dinheiro para comprar tudo o que desejo, sair do meu buraco e deslaçar estes anseios anquilosados, ora sob este sol, ora sob aquele, procurando sempre um sol diferente. O meu dinheiro serviria para coisas tão boas! Eles não as conhecem.

Pois os clientes, quando os cumprimento, olham para mim, apreciam-me como um bicho ou um objecto, e perguntam a meu pai: *Senhor Alves: é esta a sua filha?* — É — confessa meu pai, com ar de quem não pode esconder o delito. E eles fazem uma exclamação: *Ah!...*

(Continua)

COLUMBOFILIA

(Continuação da página 7)

hoje existem exemplares, mas não criados como mensageiros, no Egipto o antepassado do pombo Swift, etc.

O pombo correio dos nossos dias, é um produto dum trabalho bem orientado e sãbiamente feito, apesar de moroso e muito complexo, para reunir numa ave todas as qualidades que se tornam indispensáveis para bem desempenhar a sua missão.

E essas qualidades, são: potência de vôo, resistência à fadiga, velocidade, instinto de orientação e resistência às privações.

Ao olhar para o pombo correio num pombal, numa gaiola de exposição, num cesto de transporte ou, ainda, sulcando, veloz, o espaço, raro será o observador que, sabendo do que é capaz essa encantadora avezinha, não pense de si para si, nas extraordinárias qualidades com que a Natureza a dotou, e não se admire do que ela é capaz.

Mas, temos quase a certeza, poucas vezes ou nenhuma, pensará que essa ave, tal como hoje existe, com a capacidade de vôo que tem, com a velocidade, instinto de orientação, resistência e demais qualidades que a tornam verdadeiramente admirável, não é uma produção natural, como tantas outras, mas sim o fruto do trabalho do homem, dum trabalho longo, penoso, difícil e demorado, dum estudo profundo e conhecimento completo da criação dessas aves, de comparação e apuramento de resultados das experiências a que ia submetendo o que produzia, com a mira de criar sempre melhor!

A Natureza, forneceu a matéria prima, "condimentou" as uniões do homem, ciente das suas necessidades e gostos observou o que mais lhe convinha, soube aproveitar-se do que lhe estava ao alcance e, com um trabalho paciente e estudo aturado foi, pouco a pouco, "fazendo" o pombo correio, e conseguiu o que hoje temos ao nosso serviço e que é, sem dúvida, um pequeno ser maravilhoso!

É difícil, como dissemos, precisar desde que época é usado o pombo como mensageiro. O pombo correio dos nossos dias é, como se sabe, de origem belga. Por isso, o que nos in-

teressa é saber a forma como os belgas conseguiram a obtenção desse incomparável mensageiro alado, que é uma das suas glórias e de que se orgulham justificadamente. O belga é o criador do pombo correio e o seu defensor pelo mundo inteiro, e a Humanidade deve-lhe esse serviço relevante de que, não poucas vezes, se utiliza, apesar de todas as maravilhosas descobertas que a ciência vai pondo ao seu alcance.

No princípio do século XIX começou, na Bélgica, a olhar-se com mais atenção para o serviço que o pombo podia prestar, em virtude do amor que tem ao seu tecto natal. Já era conhecida essa qualidade aos columbídeos mas o seu aproveitamento para o serviço do homem, se bem que fosse utilizada de vez em quando, não tinha ainda sido olhado como merecia, isto é, como capaz de ser aumentada e explorada para o bem comum. Os negócios de uns e de outros, as necessidades da vida de alguns, requeriam um meio seguro, veloz e, por vezes, secreto, de comunicações e o único meio de que dispunham era o pombo.

Começaram assim os treinos das diferentes espécies de columbídeos existentes nas diversas localidades, e o conhecimento dumas e doutras, as comparações de velocidades, resistências, etc., levaram à tentativa de produzir sempre melhor, conservando as boas qualidades dos que já possuíam, e dando-lhes as que outros tinham de aproveitáveis e que faltavam aos primeiros.

Os pombos existentes nessa data, na Bélgica, eram: o Bizet, o Cambalhota, o Gravata e o Papo de vento de Grand.

O Bizet ou pombo de torre — é o parente mais próximo do pombo bravo — Pombo de Rocha (Columba Livia) — que ainda existe, em estado de semi-domesticidade, por esses pombais da província, não só em Portugal mas também em toda a Europa. Tem o vôo rápido e silencioso e, como é resistente e amigo do local em que nidifica, volta a ele com facilidade, orientando-se muito bem.

(Continua no próximo número)

Muro Intransponível

O sol é um ovo, um grande ovo estrelado

Numa certã gigante: — O firmamento.

E pesa-me esta angústia, este tormento:

— Haver na Terra tanto esfomeado!

O sol nasceu pra todos! Consumado

Fosse o ditame! Mas não há arruamento

Sem um prédio pintado de cinzento

Com percianas a coar o sol doirado...

E o sol nascendo, ingénuo sedutor

Dessa vontade anímica dos povos

A todos quer beijar com seu calor.

E enche os Ideais de anseios novos

O sol bendito! E diz-nos o doutor

Que ao figado nos fazem mal os ovos!

Lisboa

Artur Cojal

Aspectos Sociais da Prevenção dos Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais

Conferência do Snr. Dr. Moreira
Ribeiro, proferida no S. N. I.

(Continuação do número 73)

O último Boletim que compulsámos revelava que as Companhias de Seguros, no ano de 1957, registaram 192.525 sinistros com incapacidade temporária, a cargo do segurador.

Se a estes números acrescentarmos os acidentes de trabalho e doenças profissionais ocorridos nas Empresas que usaram da faculdade conferida pelo art.º 12 da lei n.º 1.942, os acidentados e doentes profissionais que são funcionários públicos e administrativos e todos os demais dispensados do seguro ou caução ao abrigo do § 1.º da citada disposição legal e ainda aqueles que se insinuaram na assistência médica do seguro social e conseguiram indevidamente tratamento e cura nos serviços clínicos das instituições de previdência, faremos uma ideia aproximada da magnitude do problema em Portugal.

Neste restrito e último aspecto posso fazer aqui, entre parêntesis, o meu depoimento: é quase impossível saber o número, mesmo aproximado, de acidentes de trabalho e doenças profissionais assitidos nos Serviços Médico-Sociais — Federação de Caixas de Previdência, (e a Federação integra apenas uma parte da previdência social do comércio e da indústria), pelo exame do registro de casos na lista intermédia, de 150 rubricas, da Organização Mundial de Saúde, que desde há cinco anos o organismo em referência vem praticando.

Os autênticos acidentes de tra-

balho estarão certamente registados, de mistura com outras lesões que porventura o não são, principalmente nos números AE 141 a AE 144 da classificação dos acidentes da referida lista, correspondendo a "Causas Acidentais", "Acidentes causados por máquinas", "Acidentes causados pelo fogo ou explosão de matérias inflamáveis", "Acidentes causados por substâncias incandescentes, líquidos corrosivos, vapores ou radiações".

Nestas rubricas registaram-se no ano de 1957, precisamente 1.961 casos o que dá, considerada a grandeza da população beneficiária abrangida, a reduzida permissibilidade de 4.

Mas, se por excesso de prudência e raciocinando por defeito, nos detivermos apenas na rubrica AE 142 que assinala os "acidentes causados por máquinas" — que é a que nos pode fornecer melhores indicações sobre o número mais aproximado de acidentes de trabalho que acorrem àqueles Serviços, verificamos, em 1957, a existência de 94 casos o que reduz ainda muitíssimo mais — apenas para 0,2 — aquela já tão minguada permissibilidade.

Quanto às doenças profissionais é enorme a dificuldade, principalmente para quem não é médico, tentar localizá-las na tabela intermédia de 150 rubricas a que fizemos referência. Só por aproximação, sempre duvidosa quanto aos resultados, isso seria de tentar ainda que só quanto às rubricas suspeitas, mas a incer-

(Continua na página 4)

As Senhoras de bom gosto

Usam só Malhas TEBE

COLUMBOFILIA

Por FERNANDO

HISTÓRIA DO POMBO CORREIO

EXTRAÍDO DA REVISTA «POMBOS CORREIOS». DE M. LEÃO MAIA

(Continuação dos números anteriores)

NESSA mesma grande guerra, de 1914-18, não foi só às forças europeias que prestou valiosos serviços. Eis alguns factos narrados num folheto de vulgarização americano, referentes a essa guerra, mas distribuído agora, para incitamento da criação de pombos correios utilizáveis em campanha:

Com um efectivo de 324 soldados e 4 oficiais, as forças americanas tiveram um óptimo trabalho de ligação por pombos correios, utilizando cerca de 8 mil pombos.

Dentre estes, os que mais se evidenciaram foram embalsamados e depositados no instituto Smithsonian — Museu Nacional dos E. U., em Washington.

E desses, para que possa fazer ideia da sua folha de serviços,

Cantares e Bailados do Minho

(Continuação da página 8)

das, e de homens espaduados e decididos, na praia. Aqui e além, falando, cantando e por vezes dançando enquanto o «Argaço» não chega à beira. Vida des- preocupada e feliz.

Cantai, dançaí rapartgas,
Rapazes, dançaí, cantai;
Há uma só, não há vidas,
Vivei felizes, gozai.

Isto dá-se quando se prevê uma grande «Mareada». Canta-se, há alegria e vigor, pois o «Sargaceiro», mais que outro, precisa de alegria para assim o recompensar da disposição de se aguentar muitas horas metido na água até ao pescoço e a mulher até aos sovacos, muitas vezes sem comer porque não quer perder o tempo para a apanha do sargaceiro. E, quantas vezes o tempo perdido não é compensado pela quantidade do «argaço». E, diz ele:

A vida do Sargaceiro
É uma vida atribulada
Do «Funado» até à «Cruz»,
Para «armar» a «carrelada».

Toda a esperança se esfuma,
Como a brancura da espuma,
Na Areia a revoar;

As alegrias são tristezas,
Neste mundo de incertezas,
Que é o mundo deste mar.

RoFi

destacamos as do «Cher Ami» e do «Mocker». «Cher Ami» — N. U. R. P. 615 Fêmea azul listada — Trouxe 12 importantes mensagens do «front» de Verdun, até Rampon; distância aproximada, 30 quilómetros. Tempo médio, 24 minutos. Na última viagem, chegou com uma perna decepada e o tubo porta despacho, que continha uma importante mensagem, suspenso unicamente pelo tendão. O estilhaço que lhe esfacelou a perna, atravessou-lhe, também, o peito. Neste estado, «Cher Ami» voou 40 quilómetros em 25 minutos, tendo sido largada em Grand-Pré às 14,35 e chegado às 15 horas. Foi indubitavelmente o mais famoso pombo dos E. U. que trouxe essa mensagem que salvou o último batalhão. Voltou à América com outros pombos, no transporte «Ohioan», em 16 de Abril de 1919. A 13 de Junho desse mesmo ano, morreu no Fort Monmouth, sendo o seu corpo embalsamado e posto em exposição.

«Mocker» — AU 17 D 4084 — Macho pedrado vermelho — Teve um olho desfeito por um estilhaço, quando cumpria a sua missão no «front» em Beamont, sector de St. Mihiel. Nasceu em 1917, nos Estados Unidos, tendo seguido para França em 1918 juntamente com outros da mesma origem. Foi o último dos heróis da grande guerra que morreu em Fort Monmouth, em New-Jersey, com a idade de 21 anos — em 15 de Junho de 1937. O seu corpo foi embalsamado e exposto na Post Library Hall, Fort Monmouth.

E agora, alguns despachos de que foram portadores:

«Quartel General de C. O., 1.º Batalhão, 308 Infantaria para C. O. 308 Infantaria.

(1) Os alemães estão no penhasco norte em pequeno número e têm experimentado envolver-nos ambos os flancos. A situação no flanco esquerdo é muito séria.

(2) Dois dos nossos postos avançados foram isolados hoje perto 294,7-275.7. Não foi capaz de restabelecer os postos.

(3) Necessitamos 8 mil espingardas, 7 mil e quinhentos cartuchos, 23 caixas M. G., 250 granadas de mão.

(4) Baixas ontem nas companhias (A, B, C, E, G, H,) 8 mortos, 80 feridos. Nas mesmas companhias, 1 morto, 60 feridos.

(5) Força actual efectiva 245. Situação séria.

a) Whittlesey, Major 308.

«Quartel General de C. O., 1.º Batalhão, 308 Infantaria para C. O. 308 Infantaria.

Os alemães estão ainda em nova volta. Temos sido pesadamente atingidos pelos morteiros esta manhã. Força presente efectiva (A, B, C, E, H, G, Cos) 175.K.Co. 307, 45, M. G. destacamento 17; total aqui cerca de 235 oficiais feridos: Tenente Harrington, A; Capitão Strohmel, C; Tenente Buehler, G; Tenente Peabody e Barenous, M. G.; Tenente Wilhelm, A, é dado como desaparecido.

Cobertura má se nós avançarmos até ao monte e muito difícil de transportar os feridos se nós mudarmos de posição. A situação está enfraquecendo a nossa força rapidamente, os homens estão sofrendo devido à fome e à falta de abrigo; e os feridos em muito má condição.

Não pode o auxílio ser enviado rapidamente?

a) Whittlesey, Major 308

Lugar 294,7-276, 3 Outubro, 4, 1918.

Solto às 10,35—chegando às 10,58.

«Quartel General do C. O., 1.º Batalhão, 308 Infantaria para C. O. 308 Infantaria.

Nós estamos ao longo da estrada paralela 276,4.

A nossa própria artilharia está lançando uma barragem directamente sobre nós. Por Deus, parem com isso!

Lugar (in msg) Outubro, 4, 1918.

a) Whittlesey, Major 308.

Em campanha, os pombos são entregues às unidades de forma a mantê-las sempre fornecidas de aves. Ordinariamente a entrega é feita todas as 48 horas e sempre antes de assaltos ou ataques. O oficial de comunicações de cada unidade notifica o pombal com a maior antecedência possível de qual o número de aves desejadas e a hora a que irão buscá-las.

Quando o posto do comando da Divisão vai para a frente, a distância entre o pombal e o Quartel General é aumentada e a entrega dos pombos torna-se mais difícil. Portanto, toma-se todo o cuidado para se ter a certeza de que os pedidos de aves são feitos com o tempo suficiente para permitir a sua satisfação.

O pessoal que entrega os pombos às unidades de combate, sob a direcção do oficial de comunicações da Divisão, pode fazer essas entregas à noite. Em tais casos o tratador dos pombos mete-os nos cestos o mais tarde possível antes de virem buscá-los. Vê se as aves são postas em cestos separados e se os cestos têm as etiquetas em ordem. Se o brilho das luzes não é conveniente, os pombos são metidos nos cestos antes de anoitecer.

Numa divisão do exército, os pombos são ordinariamente fornecidos em combate para men-

sagens aos centros. São fornecidos a tanks, quando pedidos, e para qualquer que requeira esta forma de comunicação para alguma missão especial. Numa divisão da cavalaria, os pombos são entregues sempre que os pedem. Geralmente todos os aeroplanos que se embrenham bastante em território inimigo, são fornecidos de pombos.

Na guerra de 1939, apesar de todos os meios que a ciência tem vindo a pôr ao alcance do homem, para comunicar a distância, mais uma vez se prova que o pombo correio é indispensável.

Todas as nações que sentiram os terríveis efeitos do conflito utilizaram em larga escala o pombo correio. As forças americanas utilizaram os seus serviços em conjunto e coordenação com as forças de terra, paraquedistas, porta-aviões e tanks, e as de outros países, desta e de outra formas em que o seu rendimento é grande e insubstituível. O lançamento dos pombos, dos aviões a grande velocidade, por ser ariscado para as aves, é feito em gaiolas ou caixas metálicas, de portas automáticas. São lançadas as gaiolas com um pequeno pára-quadras e, apenas a velocidade angular é suficientemente reduzida, as portas abrem-se e dão siada aos pombos.

Pelas fotografias que publicamos — oferecidas, umas, pelas entidades que representam em Portugal os respectivos Países, emprestadas, outras, para reprodução, por quem está autorizado a fazê-lo, e rebuscadas ainda outras em revista dos acontecimentos, — se pode ver que, dum lado e doutro, todos o utilizaram.

E até mesmo se pode, numa delas, ler a inscrição dum feito praticado por uma destas aves, a que já foi prestada homenagem de gratidão por aqueles que lhe devem a vida. Também será interessante recordar a seguinte notícia, publicada nos jornais de 11 de Julho de 1944.

LONDRES, 11 — Foram os pombos correios que levaram para algures, na costa da Inglaterra, a primeira notícia do êxito dos paraquedistas na Normandia ao general Eisenhower. Esses pombos estavam cuidadosamente treinados para voarem sobre o Canal da Mancha.

Foram também pombos correios que levaram as primeiras mensagens da «Reuter» sobre os desembarques das forças americanas. — (Reuter).

*

Claro é que o pombo correio moderno, aquele que tem sido protagonista destes feitos, o que usamos como mensageiro nos nossos dias, nada tem de comum e em nada se parece com os primeiros pombos mensageiros existentes.

Em Roma, utilizava-se o pombo de Modena, de que ainda

(Continua na página 6)

CANTARES E BAILADOS DO MINHO

(CONTINUAÇÃO)

II

Estes elementos foram fornecidos pelos Ex.^{mos} Srs. Dr. António Fernandes Torres e António Baptista Correia Moreira

Os Sargaceiros (de Apúlia)

A PÚLIA, antigamente conhecida por « De Sancto Michaelli de Púlia », foi fundada pelos Romanos pelas semelhanças com a antiga Púlia Italiana.

Fica situada numa extensa planície com uma pequena baía com águas serenas que lhe dá um agradável e interessante aspecto, tornando-a numa aprazível praia. Devido à grande quantidade de sargaço e algas marítimas deve ser uma das praias mais iodadas do país. Tem passado por diversas provações e tanto que já existente nos princípios da Monarquia, foi completamente arrasada e coberta pelas areias, não ficando dela quaisquer vestígios. Depois, bastantes anos com escavações puseram a descoberto algumas paredes que deveriam ter sido as primitivas habitações. Hoje, porém está completamente mudada e em ritmo de grande progresso, com bastante afluência. É abundante em peixe, como seja a faneca, congro, polvo e, principalmente, dedicam-se à apanha do camarão e lagosta.

A sua população é constituída, na maior parte, pelo pitoresco « Sargaceiro », mixto de lavrador e de marítimo, sendo, afinal, em síntese, um simples cavador que saca o sargaço do leito arenoso para adubar as suas pequenas terras, muito ricas em hortaliças. Salta à borda da água, empurrando a jangada com o pé e deixa-se levar ao sabor da vaga, sem se importar para onde, porque todo o seu cuidado é começar o mais breve possível, esgaravatar o sargaço das areias. Eis a vida do « Sargaceiro » !!

Este grupo data já de bastantes anos e, quando do seu primeiro aparecimento oficial, só soube chamar para si todas as atenções pelo garbo atlético dos seus componentes. Homens fortes e queimados pelo iodo das maresias, mulheres roliças e sândias, assim era constituído o Grupo dos Sargaceiros. Fazem parte deste grupo 38 figuras, sendo 10 os bailadores e os restantes para a parte coral. Os instrumentos usados são: concertina, uma viola, dois cavaquinhos, um bombo, ferrinhos e réque-réque. Tocata típica e pobrezinha, mas bem portuguesa.

Ser-nos-ia agradável descrever toda a sua indumentária mas esta série de artigos que estamos a publicar é somente referente aos Cantares e Bailados do Minho, por isso temos de nos cingir ao estabelecido. Todavia, não queremos deixar de apresentar a nossa opinião sobre a grande parecença que achamos na sua indumentária com a dos Romanos, de onde poderemos tirar a conclusão de que a Apúlia foi realmente criada por eles.

Do seu repertório de cantares e bailados, muito puros e absolutamente típicos, destacam-se:

Vira do Mar — Malhão — Chula — Bate certo — Regadinho — Cana Verde.

Embora existam há muitíssimos anos nada há escrito sobre elas, embora se saiba que são muito antigas, e pena é que ainda não tivesse aparecido quem se tivesse aventurado a fazer a história da música das orlas marítimas mais pobre em alegrias que as do interior.

Vamos, somente dedicar-nos a alguns bailados e canções, aqueles que entendemos serem mais curiosos e ricos de pureza.

O Vira da Apúlia é um dos viras mais alegres dançados no Minho. Sem figuras geométricas, sem preocupações de conjunto, com os pares a virar alternadamente, um agora depois outro e outro. É um vira do povo, simples como ele, e alegre e irrequieto.

*Olivetras, Oliveiras,
Oliveiras, Olivais;
Tenho o coração mais negro
Qu'a azeitona que vós dais.*

O Malhão, com pequenas variantes é o malhão Minhoto dançado em toda a Província do Minho, talvez mais picado do que noutras regiões, e assim mais belo e colorido

*As ondas do mar são verdes,
Tudo no mar é verdura
O meu coração é negro,
Para mim não há ventura
Desde que dancei o Malhão
Com tamanha formosura.*

A Chula, absolutamente original. O seu « troca » suave de pares feito pela mulher, sempre à volta, correndo todos os pares até chegar novamente ao seu, é deveras curiosa e digna da admiração de um bom etnógrafo. E, tanto que, em Lisboa por ocasião do apuramento dos grupos que iriam representar Portugal na I Olimpíada Europeia de Folclore, foi considerada como a mais pura e castiça de quantas foram exibidas. A sua letra é um tanto desconexa e muito ingénua, mas com muito sabor folclórico.

*Os meus olhos de chorar,
Já fazem covas no chão;
Os meus choram pelos teus,
E os teus por quem chorarão?*

*O Sol prometeu à lua
Uma fita de mil cores;
Quando o Sol promete e dá
Que fará quem tem amores.*

*Cantigas ao desafio,
Para mim são escusadas;
As minhas são sempre doces,
As tuas sempre salgadas.*

*A folha da Oliveira,
Deitada no lume estala
Assim é meu coração,
Quando para o teu não fala.*

*Olha como o cardo pica,
Que me picou uma mão.
Também a maldade pica,
A gente no coração.*

O Bate-Certo, uma variante da « Vareira » de Vila Chã, talvez mais antigo do que aquela, é uma dança coreográfica, onde se nota a preocupação do conjunto e o jogo de mãos deveras curioso, parecendo-nos até, inédito.

MULHER

*Coitado de ti, coitado,
Coitado por muitas vias;
Tantos foram ao moinho,
Só tu pagastes as maquiãs.*

HOMEM

*Nesta terra não há moças
Que as levou à « Nortada »;
Só aqui escapou uma,
Por ter uma perna quebrada.*

CORO

*Bate certo, bate certo
Bate certo, chegado ao luar;
Bate certo, bate certo,
Bate certo, chegado, bota ao mar.*

MULHER

*Antoninho pede, pede
Que eu já tenho que te dar:
Um par de rolinhas brancas,
Se meu pai me autorizar.*

HOMEM

*A nossa festa está linda
A nossa rusga está bela;
Para aquele que vi ali,
A dar beijinhos àquela.*

CORO

*Bate certo, bate certo
.....
.....
.....*

*A rosa para ser rosa
Há-de ter pé e botão;
O amor para ser amor
Há-de ser « Zé » ou João.*

*O homem para ser homem
Há-de ter peito de pau.
A barriga de manteiga,
O nariz de bacalhau.*

*Bate certo, bate certo
.....
.....
.....*

O Regadinho, deve ser esta a dança Apuliense mais imitada, embora com mais arábescos. Dança absolutamente da Apúlia, embora haja algumas opiniões contrárias. Pela música e marcações é uma dança a imitar o sussurro lento e suave do mar em dias de verão. E pena é que a sua generalização contribua para perder o sabor tipicamente folclórico que a distingue de todas as outras danças.

*Água leva o regadinho, água leva o regador;
Enquanto rega e não rega, vou falar ao meu amor.*

*Que linda pomba branca, ali no mar fazendo traços,
Abre o bico pede beijos, abre as asas pede abraços.*

*Olhos pretos são falsos, os azuis são lisonjeiros;
Só os meus acastanhados são leais e verdadeiros.*

*Senhora das Necessidades, não torno a vossa festa
Que me traste a merenda a mais a hora da sesta.*

*Dizes que estou trigueira, isto é do pó da eira.
Há-de-me ver ao Domingo, como a rosa na roseira.*

A Cana Verde, é a mais complicada e simultaneamente mais ingénua das danças Apulienses. Costumam dançá-la poucas vezes por que é difícil e poucos a sabem dançar. Mas é bela como belas são as coisas ingénuas e puras, e também é muito antiga.

*O minha caninha verde
Cana verde, em botão;
Se não queres que o mundo fale
Não lhe des ocasião.*

É assim a vida dos Sargaceiros. Juntam-se em ranchos de moçoilas fortes e bronzeadas.

(Continua na página 7)